

OS TOPÔNIMOS INDÍGENAS DO RECIFE E SUAS HISTÓRIAS*THE INDIGENOUS TOPONYMS OF RECIFE AND THEIR HISTORIES*Fernando Theo Piron¹Samara Marinho Lima de Freitas²Tarcilla Barbosa Gomes de Sá Cavalcante³**RESUMO**

A cidade do Recife preserva através do tempo na geografia diversos topônimos que são provenientes dos povos indígenas que outrora foram os principais habitantes da região ocupada atualmente pela metrópole. O objetivo deste artigo é discutir a respeito da notável influência dos povos indígenas na nomeação de bairros da capital pernambucana e como esse processo ocorreu. atribuição destes topônimos. Para este fim, dicionários, fontes históricas e obras sobre toponímia e história indígena no Brasil foram examinadas. Os topônimos foram classificados como primários ou secundários e foram feitas tabelas detalhando-se em que áreas da cidade as citadas localidades ficam, quais os significados de seus nomes e outras informações.

PALAVRAS-CHAVE: Indígena; Recife; toponímia.**ABSTRACT**

The city of Recife preserves through time in its geography various toponyms that are provenient from the indigenous peoples that once were the main inhabitants of the region currently occupied by the metropolis. The objective of this article is to discuss about the notable influence of the indigenous peoples in the naming of the districts of the capital of Pernambuco and how this process occurred. To this end, dictionaries, historical sources and works about indigenous toponymy in Brazil were examined. The toponyms were classified as primary or secondary and sheets were made detailing in which areas of the city the cited places are, the meaning of its names and other information.

1 Graduando em Licenciatura Plena em História. Universidade Federal Rural de Pernambuco - E-mail: fernandotheopiron2000@gmail.com

2 Graduanda em Licenciatura Plena em História. Universidade Federal Rural de Pernambuco - E-mail: samaralima1989@hotmail.com

3 Graduanda em Licenciatura Plena em História. Universidade Federal Rural de Pernambuco - E-mail: tarcillagscavalcante@gmail.com



KEYWORDS: Indigenous; Recife; toponymy.

INTRODUÇÃO

A colonização portuguesa do Brasil, onde este povo compunha a maior parte da elite nacional, a qual era detentora de maior prestígio social, cujo idioma e cultura foram impostos sobre os nativos e escravizados, acabou por influenciar bastante a toponímia do Brasil, especialmente a partir da proibição do uso do *nheengatu* no século XVIII, e dos esforços para a implementação do ensino do português nos currículos escolares no século XIX. Não obstante, nos primeiros séculos da colonização, existiu uma toponímia indígena paralela, onde grande parte das localidades eram conhecidas pelos colonizadores por seus topônimos indígenas, preservados em parte pela falta de conhecimento geográfico e da escassez de penetração portuguesa no território, por simples “convenção” ou até pela importância reconhecida aos indígenas. (Santos, C., 2012). Até os dias de hoje, diversos desses topônimos, mesmo após grande processo de superposição toponímica, se preservam, e no caso do interior da capital pernambucana, são abundantes.

Os povos indígenas, diferentemente do que é tido por senso comum na sociedade brasileira, não foram meros agentes passivos durante a colonização; tiveram posição primordial, negociando e lutando conforme interesses próprios e adaptando-se à nova realidade após a chegada dos portugueses. (Oliveira; Freire, 2006)

Ao longo dos séculos, deixaram um legado rico em saberes que continuam a influenciar o conhecimento atual, especialmente evidenciado nos mapas e na toponímia. No Recife, por exemplo, essa influência é notável, pois nos nomes dos seus bairros e localidades, preserva-se uma herança linguística e cultural indígena, através de diversas palavras de origem Tupi, mesmo que modificadas sob influência da língua portuguesa.

No Recife, essa constatação pode ser feita através da observação e estudo de nomes dos bairros, como Ibura, Tejipió, Imbiribeira e outros. Ainda pode-se ressaltar os nomes de municípios vizinhos como Jaboatão, Camaragibe, Igarassu, etc. A capital pernambucana oferece uma rica fonte de estudos nesse ramo, pois, apesar de seu rápido crescimento no último século, tem em suas origens e dos seus antigos arrabaldes quase 500 anos de história registrada que expõe os diversos processos, sejam “naturais” ou não, de sua ocupação e consequente nomeação.

A abordagem escolhida é de cunho histórico mas conta com o importante auxílio da linguística, especialmente com os conhecimentos de onomástica e toponímia. Para esta pesquisa inicialmente foram selecionados os topônimos com provável origem indígena e então foram consultadas fontes históricas e historiografia locais, dicionários e outros trabalhos que trazem o significado destes topônimos estudados, que provém da língua Tupi, algumas das obras consultadas são “clássicos” do tema e merecem destaque, como *O Tupi na Geografia Nacional* de Teodoro Sampaio, o *Dicionário de Tupi Antigo* de Eduardo Navarro, o *Diccionario Chorographico, Historico e Estatistico de Pernambuco* de Sebastião de Vasconcellos Galvão e outros. Também recorreremos aos essenciais estudos toponímicos de Cezar Alexandre Neri dos Santos em sua



dissertação *De Cirigype a Sergipe del Rei*, e Sivaldo Correia da Silva em *Toponímia Afro-Indígena do Vale do Ipojuca*. Também foram consultadas obras como *Índios de Guerra* de Wesley de Oliveira Silva e outras obras e estudos históricos sobre as etnias nativas que habitaram a região estudada.

OS POVOS INDÍGENAS QUE HABITARAM O LITORAL DE PERNAMBUCO E A ÁREA QUE HOJE OCUPA A CIDADE DO RECIFE

Os povos indígenas brasileiros foram a princípio divididos grosseiramente entre tupis, que habitavam grande parte do litoral brasileiro e falavam o tupi (dividido em diversos dialetos) ou “língua geral” e tapuias, que habitavam principalmente o interior, e falavam outras línguas, geralmente atribuídas ao grupo Macro-Jê, ou “língua travada” (Santos; Moraes; Assis, 2021). Para os colonizadores, os tupis seriam povos mais avançados, pois diversos de seus povos eram mais “civilizados”. Já sobre os tapuias, Teodoro Sampaio diz:

Nas chapadas centrais, nas regiões de solo mais ingrato, nos grandes vales interiores menos acessíveis, quedavam-se, como encurralados, os povos da raça vencida, que os Tupis denominavam comumente tapuya, equivalente a bárbaro ou estrangeiro, como vieram a chamar tapuytinga ao europeu e tapuyuna ao africano. (SAMPAIO, 1987, pp. 68-69).

Como mostra o mapa Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú, o litoral da capitania de Pernambuco era, ao início da colonização portuguesa (século XVI) habitado pelos povos indígenas Caeté, Tabajara e Potiguara (estes últimos em áreas que hoje compõem o estado da Paraíba), todos falantes da língua Tupi. (Silva, S., 2014). A área que hoje é ocupada pela metrópole recifense, assim como a sua vizinhança, foi habitada principalmente pelos indígenas Caeté e Tabajara.

FIGURA 1 - MAPA ETNO-HISTÓRICO DO BRASIL E REGIÕES ADJACENTES



FONTE: IPHAN (2017)

É importante ressaltar que esses etnônimos (nomes de etnias) foram atribuídos aos indígenas para diferenciar as variadas etnias que aqui estavam presentes, e não reflete necessariamente a forma como os indígenas se auto identificavam (Silva, W., 2022). Os Indígenas Caeté, Potiguara e Tabajara, ou pelo menos, grupos identificados por estes nomes estiveram presentes em outras áreas e estados do Nordeste Brasileiro, ainda restando comunidades dos Potiguara e Tabajara. Já os Caeté, tiveram suas comunidades e aldeias extintas e seus indivíduos tiveram o mesmo fim ou foram assimilados ainda no primeiro século de colonização. Apresentaremos aspectos culturais e históricos gerais dos povos Caeté, Tabajara e Potiguara, como forma de auxiliar na compreensão da discussão.



CAETÉ

Os Caeté eram o maior povo indígena de Pernambuco no século XVI e habitavam uma grande faixa do litoral, sendo seus limites grosseiramente a foz do Rio São Francisco ao sul, até o Rio Paraíba, ao norte. Sua cultura, conforme relatado por Gabriel Soares de Sousa em sua obra “Tratado Descritivo do Brasil em 1587”, era similar a dos Potiguares, e seu idioma, ao dos tupinambás.

A pesca era um elemento muito presente na vida deste povo, que fazia pesca com linha. Eram grandes apreciadores de música e dança. (Sousa, 2014). O artesanato era um elemento crucial da sua cultura e cotidiano; produziam panelas de barro, teciam cestos e redes com folhas de palmeiras e bananeiras, também fabricavam jangadas, as quais utilizavam para navegação e combate, às quais podiam comportar até mesmo mais de 10 pessoas. Comiam peixes, milho, feijão, batata, inhame e outros alimentos que se podiam encontrar na região e também eram exímios caçadores.

Era um povo belicoso e foram hostis para com os portugueses. Foram os principais adversários de Duarte Coelho e seu cunhado Jerônimo de Albuquerque durante seu esforço de conquista, e juntamente aos seus aliados franceses, com quem já faziam comércio antes da chegada de Coelho, destruíram a feitoria de Igarassu. (Silva, W. 2022). Também tinham muitos inimigos entre os outros povos indígenas, travando guerras brutais com os tupinambás ao sul, potiguares ao norte e tapuias e tupinaés pelos sertões.

Os Caeté, assim como alguns outros povos tupi praticavam a antropofagia com prisioneiros e inimigos, sendo bastante conhecido o obscuro caso do Bispo Pedro Fernandes Sardinha, que os portugueses alegavam ter sido capturado pelos Caeté em 1556 após sobreviver um naufrágio, o qual, segundo relatos, foi morto e consumido. Acontecimento que deu brecha para que os portugueses declarassem “guerra justa” contra os Caeté em 1562. (Cunha, 1992).

TABAJARA

Os Tabajara são um grupo indígena cujo nome tem origem no tupi antigo *tobaïara*, que significa “inimigos”; vale ressaltar que esta designação foi dada pelos colonizadores, não sendo portanto uma autodenominação. Os Tabajara habitavam originalmente o litoral da capitania de Pernambuco em alguns pontos limitados, onde coexistiam com outros grupos indígenas como os Potiguara e os Caeté.

Importantes agentes nas guerras de colonização da Capitania de Pernambuco, onde inicialmente, os Tabajara estabeleceram alianças estratégicas com os portugueses, colaborando nas suas campanhas militares. Essas alianças foram cruciais para estes, que dependiam do conhecimento local e da força militar dos Tabajara para expandir e consolidar seu domínio na região.

No entanto, essa relação de aliança não permaneceu estável. Durante a administração de Jerônimo de Albuquerque, os Tabajara passaram de aliados a inimigos dos portugueses. As razões para essa mudança não são claras, mas é evidente que as dinâmicas de poder e as pressões coloniais influenciaram essa



transformação. A “troca de lado” dos Tabajara reflete a forma exploratória das relações entre os povos indígenas e os colonizadores, onde alianças eram frequentemente reavaliadas e renegociadas.

No geral, a colonização e as guerras tiveram um impacto profundo no meio ambiente e na organização social dos Tabajara. A devastação da Mata Atlântica foi uma consequência direta das atividades coloniais, incluindo a instalação de engenhos e outras propriedades rurais e urbanas. Essa destruição ambiental não apenas alterou a paisagem, mas também enfraqueceu a resistência indígena, que dependia dos recursos naturais para sua subsistência e defesa. (Silva, W. 2022).

POTIGUARA

Apesar de originalmente, até onde se sabe, não serem habitantes da região hoje ocupada pela capital pernambucana, foram importantes atores na história local. Aliando-se a ou combatendo os portugueses, serviram em inúmeros conflitos e guerras que moldaram a história da região, assim como também foram parte do processo de aldeamento jesuítico. Foram membros dos potiguara (ou potiguares) em maior parte que formaram as fileiras do comandante indígena Felipe Camarão durante a ocupação neerlandesa, tendo diversos combates envolvendo estes indígenas ocorrido nas dependências atuais do município. Também compunham os indígenas que juntamente a Pedro Poti e Antônio Paraupaba, aliaram-se aos neerlandeses. A aliança com os holandeses representava, para esses potiguares, uma forma de resistir à opressão e, potencialmente, garantir melhores condições de vida para suas comunidades.

COMO SE DÁ A IDENTIFICAÇÃO DA ORIGEM DOS TOPÔNIMOS E COMO A CULTURA DESSES POVOS INFLUENCIOU A SUA FORMA DE NOMEAR LOCALIDADES.

A identificação da origem dos topônimos envolve uma análise etimológica que revela a interação entre cultura e geografia na designação de locais. O estudo de topônimos permite observar como os diferentes povos registraram traços de suas culturas na paisagem através da nomeação de rios, montanhas, vilas, cidades e outros elementos geográficos. A relação entre os modos de vida de uma comunidade e as formas como elas nomeiam lugares é, em muitos casos, um reflexo direto da cosmovisão, organização social e práticas culturais.

Topônimos são caracterizados por serem compostos por um termo genérico (TG) e um termo específico (TE), mas também podem ser formados apenas pelo TE. O termo genérico pode ser um acidente físico ou humano. No primeiro caso é um elemento físico que caracteriza um ambiente, como “córrego” ou “serra”; no segundo, é uma criação humana, como “sítio” ou “fazenda”. Já o termo específico, é o elemento que individualiza esse acidente, ou seja, o topônimo em si (Silva, S., 2014).

No caso de topônimos de origem indígena, como os do tupi, a conexão com o ambiente natural é marcante. Os povos indígenas possuíam uma relação profunda com o território, e a nomenclatura frequentemente



refletia aspectos da fauna, flora e relevo. Nomes de rios, por exemplo, poderiam fazer referência à cor da água, à presença de certas espécies de peixes ou plantas nas margens. Essa prática denota um entendimento e valorização do espaço físico como elemento vital da cultura indígena, sendo os topônimos um registro da interdependência entre homem e natureza. (Viveiros de Castro, 2002).

Por outro lado, topônimos originários da colonização europeia, especialmente portuguesa, trazem um outro enfoque cultural e religioso. Muitos dos colonizadores europeus, influenciados pelo cristianismo, nomearam localidades em homenagem a santos da Igreja Católica, mártires ou figuras religiosas, como forma de “consagrar” o território recém-descoberto ou conquistado a uma entidade divina. Além disso, também houve a prática de utilizar nomes que homenageiam figuras históricas, como reis e navegadores, ou datas importantes para a identidade colonial e europeia, como batismos de cidades em referência a eventos cristãos ou históricos. (Cortesão, 2022).

Além do já dito, é também importante destacar que os topônimos de raízes indígenas também chamam atenção pela sua diferença linguística, pois por serem palavras em um idioma diferente do português, soam “estranho” para falantes do português. Por serem oriundos de uma matriz linguística diversa, as palavras de origem tupi, possuem fonéticas, morfologias e sintaxes próprias. (Rodrigues, 1986). Essa diferença linguística ressalta a coexistência de múltiplas heranças culturais no espaço geográfico atual e nos oferece uma visão sobre as camadas de história cultural presentes nos nomes dos lugares.

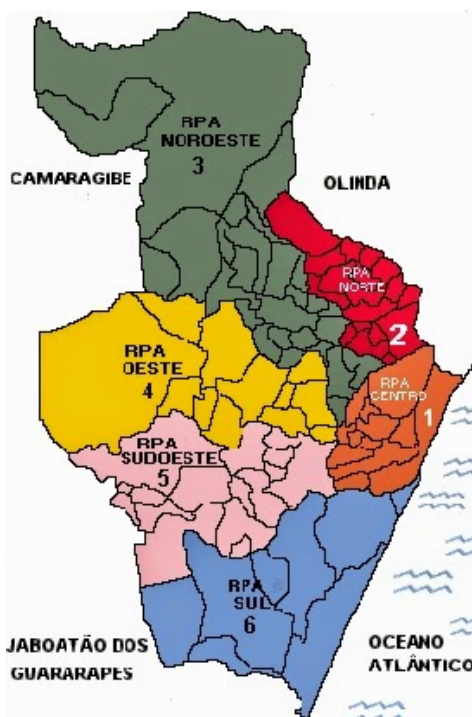
A identificação da origem dos topônimos e a influência das culturas que os criaram refletem o modo como as sociedades enxergam e se relacionam com o mundo ao seu redor, seja através da natureza ou da religião. O estudo dos topônimos, portanto, não é apenas uma análise linguística, mas também uma chave para entender o contexto histórico e cultural de diferentes povos.

Com isso selecionamos inicialmente os topônimos recifenses, de maneira grosseira, que soam diferentes ao nosso idioma “padrão”. E posteriormente, por meio das pesquisas sobre suas origens, foram mantidos na relação de nomes apenas os que têm de fato algum *background* nativo.

A ANÁLISE TOPONÍMICA

A cidade do Recife é composta por 94 bairros, e desde a implementação da lei municipal nº 16.293 de 22 de janeiro de 1997, é dividida em 6 Regiões Político-Administrativas (RPAs).

FIGURA 2: MAPA DAS REGIÕES POLÍTICO-ADMINISTRATIVAS DO RECIFE



FONTE: PREFEITURA DO RECIFE (1998)

Em todas as RPAs do Recife existem bairros cujas nomenclaturas são compostas por palavras de origem indígena. Em alguns casos essa origem indígena é mais clara, o que denominamos de origem indígena primária, como no caso de *Tejipió* ou *Ibura*, mas também pode ser menos perceptível e secundária, como *Cajueiro* (já que o nome do fruto que dá nome à árvore, que por sua vez nomeia o bairro, Caju, vem do tupi *akaïu*) ou Brejo do Beberibe, que é composto pelo acidente físico “Brejo” somado ao nome do rio “Beberibe”.

Para identificação inicial desses bairros, como dito no tópico anterior, foram separados os nomes de lugares que possuem provável origem indígena. Após as pesquisas alguns topônimos foram eliminados e outros incluídos, porém, o levantamento inicial corrigido dos topônimos indígenas foi feito por RPA (Região Político-Administrativa) para auxiliar na noção de localização de cada um, e foi feito conforme a tabela a seguir:

TABELA 01: Topônimos com influência indígena e RPA em que estão localizados.

Região Político-Administrativa	Bairros com nome de influência indígena
RPA 01	Paissandu
RPA 02	Beberibe; Cajueiro
RPA 03	Apipucos; Brejo da Guabiraba; Brejo de Beberibe; Córrego do Jenipapo; Guabiraba; Macaxeira; Mangabeira; Parnamirim
RPA 04	Caxangá; Iputinga;
RPA 05	Bongi; Jiquiá; Tejipió
RPA 06	Ibura; Imbiribeira

FONTE: AUTORES (2024)

A partir do levantamento, pudemos pesquisar mais detalhadamente sobre esses topônimos, como são as suas histórias, origens e evolução linguística, e então classificá-los entre primários e secundários, ou seja, quais dessas localidades receberam seus nomes, pelo que se sabe, diretamente pelos povos indígenas, ou, mesmo sendo palavras com elementos das línguas indígenas, se são palavras indígenas aportuguesadas ou simplesmente utilizadas no vocabulário brasileiro comum. Para isso, foram consultados dicionários, fontes históricas, e obras no campo da toponímia indígena e significados dos topônimos.

Para que pudéssemos organizar esse estudo, elaboramos a seguinte tabela organizada por ordem alfabética, que fornece outros detalhes sobre o nome de cada um desses bairros, como o significado do termo específico indígena, quais as referências utilizadas para se afirmar isso, sua classificação e justificativa para tal.

TABELA 02: DETALHES SOBRE OS TOPÔNIMOS

Bairro	Significado do termo indígena	Referência	Classificação (Primário ou Secundário)	Justificativa da classificação

Apipucos	Do Tupi <i>apé-puc</i> , o caminho dividido, a encruzilhada. Pode ser também <i>a-pipuc</i> , tropel de gente. E ainda <i>a-pi-puc</i> , a fruta de casca rachada, referência referente a pinhas.	SAMPAIO, Teodoro. O Tupi na Geografia Nacional. Brasil de Fato. Apipucos, surgida de um engenho, foi local de batalhas da Revolução Praieira. Brasil de Fato.	Primário	O nome denota em Tupi a estrutura que até hoje se preserva no bairro, de um caminho dividido em forma de “Y”. Também foi o nome do Engenho Apipucos, fundado em 1577 na região.
Beberibe	Derivado do nome do Rio Beberibe. Beberibe, nome de origem indígena, pode significar, local onde a cana se desenvolve. Ainda, do tupi significa rio de peixes achatados, arraias. Ainda, do tupi-guarani significa rio que corre para o mar.	CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros; CARVALHO, Alfredo de. Diário de Regência Nominal Portuguesa.	Secundário	O nome do bairro deriva do rio que banha a cidade do Recife.
Brejo da Guabiraba	Brejo remete à pântano, lamaçal. Guabiraba possui origem indígena, do tupi e se refere a uma planta nativa. Ainda, pode significar algo comestível.	CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros; Fundação Cargill; Infopedia.pt - Porto Editora; Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.	Secundário	Muitos bairros do Recife são a descrição geográfica do local (Ex.: Várzea). O nome Brejo pode vir das características geográficas do local e o nome Guabiraba, segundo autores, são dessas árvores que existiam no local. Anteriormente, o bairro era conhecido como Brejo dos Macacos, mas depois recebeu o nome de Guabiraba devido a flora.



Brejo de Beberibe	Brejo é referente a lamaçal. E Beberibe deriva do nome do rio, que no tupi significa rio de peixe achatado. Ainda, do tupi-guarani significa rio que corre para o mar.	CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros; Instituto de Terapias Holísticas.	Secundário	O nome Brejo já foi anteriormente explicado. E o nome Beberibe se dá em decorrência do nome Rio.
Bongi	Do tupi, <i>Bong</i> + <i>Y</i> : rio que faz curva. Ainda, rio barulhento. Contudo, também pode ser proveniente do mugir dos bois, nesse caso não é indígena.	MELO, Mário. Toponymia Pernambucana; CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros.	_____	O atual bairro do Bongi fazia parte do antigo Engenho Boa Vista, propriedade de Manoel Gonçalves da Luz. Por existir diferentes possibilidades para o nome, não é possível afirmar, com certeza, se a classificação é primária ou secundária.
Cajueiro	Pé de Caju, caju + eiro. O caju é um tipo de flor cujo fruto é a sua castanha, é caracterizado por ser um pseudofruto. Seu nome vem de <i>acaïu</i> / <i>akayu</i> , do tupi.	NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário de Tupi Antigo; SAMPAIO, Teodoro. O Tupi na Geografia Nacional.	Secundário	É secundário, pois o nome do bairro deriva do nome do antigo sítio e depois do loteamento de mesmo nome. O nome do loteamento e do sítio deriva dos cajueiros que se faziam presente no local.
Caxangá	No caso do bairro, de origem Tupi, vindo de <i>caa-çan-áb</i> , mata estendida ou <i>caa-çang-guá</i> , mato do vale dilatado, ou ainda <i>caa-ciangá</i> , mata da madrinha;	BUENO, Francisco da Silveira. Dicionário Tupi -Guarani - Português,	Primário	É possivelmente um topônimo indígena autêntico preservado através do tempo. Além disso, os significados possíveis para a palavra se relacionam com as características físicas da região.

Córrego do Jenipapo	Jenipapo deriva de <i>Yanipab</i> ou <i>yandipab</i> , possui diversas formas de se escrever. Significa “fruto das extremidades que dá suco”	SILVA, Sivaldo Correia da. Toponímia Afro-Índígena no Vale do Ipojuca	Secundário	É formado pelo acidente físico Córrego (Curso d’água) + Jenipapo (fruto). Além disso, é de nomeação recente, século XX.
Guabiraba	Essa descrição já foi feita acima, contudo segue novamente. Guabiraba possui origem indígena, do tupi e se refere a uma planta nativa. Ainda, pode significar algo comestível.	CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros; Fundação Cargill; Infopedia.pt - Porto Editora; Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.	Primário	Possivelmente nomeado pelos habitantes indígenas do local a partir da flora existente. Topônimo preservado.
Ibura	Do tupi, fonte de Água. Ainda, água que arrebenta ou nascente de água.	Brasil de Fato, Pernambuco. FUNDAJ; Dicionário de Nomes Próprios; CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros.	Secundário	O nome do bairro deriva do nome do Engenho Ibura. E o nome dado ao engenho pode ser devido às diversas fontes de água que existiam na área.
Imbiribeira	Vem de uma árvore chamada Embiriba. De origem indígena, <i>emibir</i> : rasgar e <i>yo</i> : madeira. Rasgado em tiras.	COSTA, F. A. Pereira da. Anais Pernambucanos.	Secundário	O bairro da Imbiribeira corresponde a uma parte do antigo Sítio da Barreta. A primeira menção desse nome é feita através de uma carta e descreve o Sítio da Imbiribeira. O respectivo nome possui origem indígena, mas o caráter secundário se dá, pois o nome do bairro deriva do nome do sítio.

Iputinga	<p><i>Iputinga</i> vem do tupi e significa alagadiço branco ou terra de várzea. Anteriormente a área do bairro era nomeada <i>Ipueira</i>, também do tupi e que significa rio velho, brejo ou sujeito a frequentes alagamentos, charco.</p>	<p>ANDRADE, Maria do Carmo. Iputinga (Bairro, Recife);</p> <p>SILVA, Sivaldo Correia da. Toponímia Afro-Indígena no Vale do Ipojuca;</p> <p>ANDRADE, Maria do Carmo. Iputinga (Bairro, Recife).</p> <p>Pesquisa Escolar, Fundação Joaquim Nabuco, 2004;</p> <p>CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros.</p>	Primário	Topônimo atribuído pelos habitantes indígenas e mantido porém mantido através dos séculos de colonização portuguesa.
Jiquiá	<p>Corruptela indígena, Y - <i>Iquiá</i>: cesto, covo, jequi. Ainda pode significar “armadilha para pegar peixe”.</p>	<p>Dicionário online de Português;</p> <p>Dicionário Tupi e Português e vice-versa, Octaviano Mello;</p> <p>CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros.</p>	Primário	Em 1598 foi feita a “Demarcação das Terras do Jiquiá” pelo ouvidor Jorge Camelo. A região é conhecida por este nome desde os primórdios da colonização, tendo sido aproveitado pelos portugueses o topônimo tupi possivelmente já atribuído à região.
Macaxeira	<p>Do tupi, <i>Maka’xera</i>. Sinônimo de mandioca: casa de <i>Mani</i> ou <i>mani-oca</i> (derivado de uma lenda tupi).</p>	<p>CHIARADIA, Clóvis. Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena.</p>	Secundário	Apesar do nome ser de origem indígena, o nome do bairro deriva do nome do Engenho Macaxeira, que possuía plantação do tubérculo.



Mangabeira	Mangaba + eira, árvore nacional, fruto mangaba (do tupi <i>ma'ngawa</i> , coisa boa de comer).	Dicionário Ilustrado de Tupi-Guarani; CHIARADIA, Clóvis. Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena.	Secundário	É secundário, pois a única influência indígena no seu nome é a origem do nome do fruto mangaba, que nomeia a árvore em português.
Paissandu	Também escrito como Paçandu ou no caso do castelhano, Paysandú. A sua origem exata é incerta mas diversas fontes apontam que origina do guarani e significa algo como Padre ou Pai Sandú, sendo <i>Pay</i> a maneira como os Indígenas Guarani chamavam os missionários.	GUILLEMOT, Carol. Paysandú, la historia de un nombre. D-Sur.	Secundário	Esse é o único topônimo cujo termo de língua indígena dentre os aqui selecionados não deriva do Tupi, porém do Guarani. Sendo referência ao Cerco de Paissandu ocorrido no Uruguai entre 1864 e 1865 na Guerra do Paraguai.
Parnamirim	Do tupi, <i>paranã</i> + <i>mirim</i> : rio pequeno, riacho. Ainda, pode significar rio pequeno que corre para o mar.	CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros; Michaelis - Online.	Secundário	Ao que indicam as fontes, o nome do bairro deriva do Riacho Parnamirim.
Tejipió	O termo Tejipió, anteriormente escrito como Tegipió e também Tigipió, é derivado do tupi <i>tejupió</i> , <i>teyu'-piog</i> . Significa raiz de teju, que é a planta de nome científico <i>Mikania cordifolia</i> , conhecida por diversos nomes e que era abundante na área. Também é relacionado ao curso d'água que passa pela região, o Rio Tejipió.	COSTA, F. A. Pereira da. Anais Pernambucanos; LIMA, Ronnei Prado. Transitoriedades no Atlântico Yorubano. MELO, Mário. Toponymia Pernambucana,	Primário	Do que se sabe, o topônimo foi atribuído originalmente pelos habitantes nativos.

Fonte: Autores (2024)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além dos nomes dos bairros, temos os de outras localidades, como por exemplo é o caso da Capunga, área atualmente situada entre os bairros Graças e Soledade. Tal área já foi considerada um bairro, porém hoje não mais. Ainda, tem-se a Rua dos Tamôios e a Rua dos Tupinambás no bairro de Santo Amaro, os rios Beberibe e Capibaribe, a Rua Poti no bairro da Nova Descoberta e edifícios, como o Guarani no bairro do Espinheiro, que reconhecem e celebram essas raízes culturais.

Estes nomes refletem a herança cultural dos povos indígenas que habitavam a região. A influência indígena não se confina em nomenclaturas, mas também se faz presente na culinária, nas crenças e na biodiversidade preservada. A presença de topônimos indígenas não só na cidade do Recife, mas em todo o país é um testemunho da presença indígena e contribuição desses povos na formação da identidade e da cultura do país e da cidade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Bartira Ferraz. Cartas Alfabéticas em Tupi. Memória Indígena em Pernambuco, século XVII. In: XXIV Simpósio Nacional de História, Seminário Temático: Os Índios na História: Fontes e Problemas, São Leopoldo, RS, 15-20 jul. 2007.
- CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros. 5 Ed. Revista e Ampliada - Camaragibe: CCS Gráfica e Editora, 2012.
- CHIARADIA, Clóvis. Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena. Editora Limiar, 2008.
- CORTESÃO, Jaime. História do Brasil nos velhos mapas. Brasília, DF: FUNAG, 2022.
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Anais Pernambucanos. Recife: Arquivo Público Estadual, 1951.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Mapa Etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes. Rio de Janeiro: IPHAN. 2017.
- OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Araújo da Rocha. A presença indígena na formação do Brasil. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/ Museu Nacional. 2006.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola. 1986.
- SAMPAIO, Teodoro. O Tupi na Geografia Nacional. São Paulo: Biblioteca Nacional. 1987.



SANTOS, Cezar Alexandre Neri. De Cirigype a Sergipe Del Rey: Os topônimos nas cartas de sesmarias (1594-1623). 192 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

SANTOS, Juvandi de Souza; Morais, Karen Nadja de Souza; ASSIS, Lucas Ramon Porto de. Índios Tupi do interior da Paraíba e seus fluxos migratórios. Revista Tarairiú. Campina Grande, v. 1, n. 18, p. 153 - p. 165, janeiro / junho de 2021.

SILVA, Sivaldo Correia da. Toponímia Afro-Indígena no Vale do Ipojuca. 185 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SILVA, Wesley de Oliveira. Índios de Guerra: aldeamentos e tropas indígenas na capitania de Pernambuco entre 1660 e 1695. 166 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2022.

SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. Fundação Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. 2002. A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify. 552 pp.